



VESTÍGIOS DA PEDAGOGIA ESCOTEIRA NA CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA DO GRUPO ESCOTEIRO TANGARÁ DE CRICIÚMA (1963-1973)

Cinara Lino Colonetti Bergmann – UNESC/SENAC

Resumo: Este texto é resultado da pesquisa que culminou na dissertação de mestrado em Educação. Deste modo, investiguei a Pedagogia Escoteira construída no Grupo Escoteiro Tangará de Criciúma (SC), entre os anos de 1963 a 1973, a partir das memórias do ex-instrutor Theobaldo Sausen, bem como dos documentos que encontrei em seu acervo e dos recortes de jornais da época. Ao aproximar-me da Pedagogia Escoteira, compreendo-a não apenas como um domínio de métodos e habilidades, mas como uma ferramenta que produz sujeitos seguidores de seus preceitos e ideologias. A Pedagogia Escoteira com seus princípios, rituais e doutrina, serviu para estabelecer uma identidade de nação junto às crianças do Grupo Escoteiro Tangará, pautada no civismo e nos valores religiosos, no entanto, apesar dessas intencionalidades, a infância escoteira apropriou-se de diferentes formas, uns se deixando moldar, outros resistindo. Desse modo, compreendo que a ação educativa promovida pela Pedagogia Escoteira, atuou e atua como produtora de sujeitos/crianças, por ser uma cultura marcada por valores e princípios próprios.

Palavras-chave: Pedagogia Escoteira, Escotismo, História da Educação, História Oral.

O Escotismo teve início em 1907, na Inglaterra, como uma educação complementar voltada às crianças e jovens. O Escotismo foi utilizado com mais intensidade no Brasil, com a fundação da Associação Brasileira de Escoteiros (ABE), em São Paulo, a partir de 1914, mas é sabido que o Movimento Escoteiro já existia na sociedade brasileira, antes mesmo desse período.

O general inglês Baden-Powell criou o *Scouting* – termo traduzido no Brasil para Escotismo – quando sentiu a necessidade de formar, nos jovens, o sentimento de patriotismo, por meio de atividades práticas, no contato com a natureza, a fim de criar, desde cedo, futuros soldados e/ou cidadãos que defendessem a nação inglesa. O Escotismo tem como princípios o amor à pátria e a fé em Deus. O Movimento Escoteiro, portanto, alicerça-se no entrelaçamento entre patriotismo e fé.

Como em outras cidades brasileiras, Criciúma também conviveu e ainda convive com grupos escoteiros. O Grupo Escoteiro Tangará, objeto deste estudo, funcionou em três períodos distintos: de 1963 a 1973, de 1993 a 2000 e em 2011 (ainda em funcionamento) no

Colégio Marista, atingindo diferentes gerações da elite local, tendo Theobaldo Sausen¹ como instrutor nos dois primeiros momentos de funcionamento. Assim, buscarei fazer aproximações da Pedagogia Escoteira colocada em prática na sua primeira década de existência, ou seja, de 1963 a 1973.

As lembranças de Theobaldo Sausen e seu acervo de fotografias e manuais, entre outros documentos, permitiram dar visibilidade para alguns indícios e vestígios do modo como a Pedagogia Escoteira se constituiu no Grupo Tangará de Criciúma, dos anos de 1963 a 1973. Essas fontes foram cruzadas com os manuais escritos por Baden-Powell, pelos dados do próprio Movimento Escoteiro acerca dos Grupos Escoteiros do Estado de Santa Catarina, os decretos e legislação sobre o Escotismo.

Para discutir a Pedagogia Escoteira, a partir de seus fragmentos, faz-se necessário contextualizar o Movimento Escoteiro em Criciúma e em Santa Catarina, assim como o Grupo Escoteiro Tangará, sua organização, suas ações sociais, seus rituais, a construção da infância escoteira, entre outros aspectos importantes para a reflexão acerca da Pedagogia Escoteira. Esses aspectos serão discutidos nos itens que seguem.

Delineando o conceito de Pedagogia Escoteira e a busca por seus vestígios

A Pedagogia Escoteira não pode ser considerada apenas um domínio de métodos e habilidades, mas como um meio de produzir culturalmente sujeitos seguidores de seus preceitos e ideologias. Dessa forma, utilizando-se de seu poder na construção dos conhecimentos produzidos para e pelos seus membros, esta Pedagogia Escoteira deve ser entendida a partir de sua relação com as questões históricas, políticas e culturais, permeadas pelo poder, como nos faz pensar Foucault (1998).

No entendimento de Giroux e McLaren (1995), a pedagogia está presente em qualquer lugar onde o conhecimento seja produzido. Também podemos afirmar que a pedagogia e seu currículo trabalham no sentido de produzir sujeitos. Neste sentido, a Pedagogia Escoteira do Grupo Escoteiro Tangará não se ateve apenas às questões de seu funcionamento e diretrizes, mas se ateve, principalmente, ao comportamento de seus participantes – na maneira como este “corpo escoteiro” deveria apresentar-se, agir, ser e pensar.

¹ No momento da fundação do grupo escoteiro, Theobaldo Sausen era membro da congregação, depois volta como instrutor, mas não mais como irmão Marista.

Foucault (1987) entende que para tornar o corpo submisso ao poder, faz-se necessário “adestrá-lo”, exercitando seus gestos: como e quando deve falar, como e quando deve sentar ou ficar imóvel. Todo o trabalho de moldar e de docilizar o “corpo escoteiro” nada mais é que um modo de atuar na alma, para a construção de um sujeito obediente, masculino e cristão. Desse modo, é preciso vigiar esses corpos e isso ocorre pela ação dos instrutores e monitores de cada patrulha, instigando-os a se auto-vigiarem.

Os vestígios da Pedagogia Escoteira, construída e colocada em prática no Grupo Escoteiro Tangará, foram encontrados em documentos textuais e iconográficos, bem como por meio das memórias de seu ex-instrutor Theobaldo Sausen. Essas fontes foram imprescindíveis no processo de aproximação à Pedagogia Escoteira do referido grupo. Entre os documentos vale ressaltar o acervo de fotografias preservado e guardado por Theobaldo.

Neste trabalho, as imagens fotográficas, bem como os demais documentos e as lembranças de Theobaldo, foram utilizados como fontes que trazem consigo representações sobre a Pedagogia Escoteira do Grupo Escoteiro Tangará, entendendo representação como “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativas do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”. (PESAVENTO, 2005, p. 5). Portanto, não busco verdades absolutas, mas uma representação viável e mais próxima da Pedagogia Escoteira colocada em prática no Grupo Escoteiro Tangará.

O Movimento Escoteiro de Criciúma no contexto regional e catarinense

O projeto de Baden-Powell foi adotado pelo o governo brasileiro como uma política pública, sendo utilizado como uma das estratégias para a construção do sentimento de nação. Dessa forma, o Movimento Escoteiro foi ganhando o território brasileiro, chegando em vários estados e em Santa Catarina não foi diferente. A Semana Mundial Escoteira de 1966 também foi comemorada no Estado, conforme reportagem do Jornal Tribuna Criciumense.

A reportagem sobre a Semana Mundial Escoteira do dia 02 de julho de 1966, do Jornal Tribuna Criciumense, parabeniza os escoteiros e suas famílias, as autoridades civis e militares, a igreja e a comunidade, pela iniciativa de participarem e incentivarem o Movimento Escoteiro, trazendo o seguinte pedido: “À família brasileira, elevamos nossas preces para que sintam a responsabilidade de formar as gerações e reafirmamos nosso propósito de Expansão do Movimento Escoteiro.” (TRIBUNA CRICIUMENSE, 02/07/1966). Vemos, neste excerto, a preocupação em expandir o Escotismo, e novamente a religião

presente, quando há o pedido para que se façam **preces** para que os pais coloquem seus filhos em grupos escoteiros.

A existência de grupos escoteiros em Santa Catarina ligados ao Colégio Marista remonta a anos anteriores. Nos trabalhos do professor Nilson Thomé (2006), por exemplo, é apontado um grupo escoteiro organizado nos anos de 1960, pela Congregação dos Irmãos Maristas, junto ao Colégio Aurora da cidade de Caçador, SC. Mas, ao visitar o site da União de Escoteiros do Brasil, sessão Santa Catarina, foi possível observar a presença de alguns grupos anterior a essa data.

Ao fazer uma pesquisa sobre os grupos de Santa Catarina, encontramos alguns dados que nos dão indícios sobre a história do Escotismo no Estado. A partir dos dados disponibilizados pelo Movimento Escoteiro, foi possível realizar um levantamento dos grupos escoteiros mais antigos de Santa Catarina. Nos registros, como um dos primeiros grupos escoteiros aparece o do município de Nova Veneza, o Grupo Escoteiro Dr. Cesare Tibaldeschi, fundado em 01/02/1925². De acordo com esses dados, possibilitou reunir informações sobre o município e data de fundação dos grupos escoteiros anteriores ao ano de 1980:

Tabela 1- Grupos escoteiros de 1925 a 1978 de Santa Catarina.

MUNICÍPIO	NOME DO GRUPO ESCOTEIRO	DATA DE FUNDAÇÃO
Nova Veneza	Grupo Escoteiro Dr. Cesare Tibaldeschi	01/02/1925
Porto União	Grupo Escoteiro Iguaçu	05/02/1933
Lages	Grupo Escoteiro Lages	15/03/1940
Florianópolis	Grupo Escoteiro do Ar Hercílio Luz	01/08/1957
Tubarão	Grupo Escoteiro Tubarão	16/12/1957
Blumenau	Grupo Escoteiro Leões de Blumenau	13/08/1958
Indaial	Grupo Escoteiro Duque de Caxias	23/04/1959
Caçador	Grupo Escoteiro Pindorama	13/09/1960
Brusque	Grupo Escoteiro Brusque	29/10/1961
Criciúma	Grupo Escoteiro Duque de Caxias*	--/--/1962
Criciúma	Grupo Escoteiro Tangará*	--/--/1963
Joinville	Grupo Escoteiro Príncipe de Joinville	02/09/1967
Jaraguá do Sul	Grupo Escoteiro Jacoritaba	01/03/1969
Cunha Porã	Grupo Escoteiro Lírios do Campo	15/11/1969
Timbó	Grupo Escoteiro Timbó	31/03/1971
Palmitos	Grupo Escoteiro Gonçalves Dias	20/10/1971
São Carlos	Grupo Escoteiro General Osório	22/04/1972
São Bento do Sul	Grupo Escoteiro Desbravador	19/09/1973
Joinville	Grupo Escoteiro Pirabeiraba	20/07/1974

² Nova Veneza pertenceu ao município de Criciúma, que teve a sua emancipação de Araranguá em 06 de janeiro de 1925. Deste modo, Nova Veneza tornou-se município em 21 de junho de 1958, emancipando-se com a Lei estadual nº 348. (IBGE histórico, 2011).

Xanxerê	Grupo Escoteiro Caingangue	07/09/1974
Itajaí	Grupo Escoteiro Padre Baron	11/02/1978
Florianópolis	Grupo Escoteiro Anchieta	22/10/1978

Fonte: (GRUPOS ESCOTEIROS DE SANTA CATARINA, 2011, p.1).

Nota: * Tomei a liberdade de acrescentar nos dados fornecidos pelo Movimento Escoteiro, os grupos de Criciúma, Duque de Caxias e o objeto desta pesquisa, o Tangará.

Nas lembranças de Theobaldo Sausen, aparece o Grupo Escoteiro de Tubarão, anterior ao Grupo Escoteiro Tangará do Colégio Marista de Criciúma. Essa informação é corroborada pelas informações contidas no quadro dois e por um requerimento parlamentar datado de 2004 – encaminhado pelo então deputado estadual Genésio Goulart (2003-2007), parabenizando o 9º Grupo Escoteiro de Tubarão, pelos seus 46 anos de existência (REQUERIMENTO, 2010). Sendo assim, é possível afirmar que o Movimento Escoteiro já se fazia presente na região sul de Santa Catarina, por meio do grupo do município de Tubarão e de Nova Veneza. Por meio dos dados obtidos, pode-se afirmar que o Grupo Escoteiro Dr. Cesare Tibaldeschi, fundado em 1925, é o grupo escoteiro mais antigo de Santa Catarina.

A reportagem intitulada “Escoteiros vão acampar em Criciúma”, publicada em 1964, traz a informação de que, além do Grupo Escoteiro Tangará, existia um outro grupo funcionando na mesma época. Tratava-se do Grupo Escoteiro Duque de Caxias, do Bairro Próspera. Ao todo, esses grupos reuniam, aproximadamente, 150 escoteiros. O noticiário aponta que esses grupos não são os primeiros da região, informando que entre 1930 e 1932 existiu outro grupo escoteiro em Criciúma, comandado por Hercílio Amante³. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 21 a 28/11/1964). A matéria também noticia sobre a existência de vários grupos escoteiros na região, uma vez que é anunciado um “Acampamento Distrital” em Criciúma, com a participação de escoteiros de Tubarão, Capivari, Lauro Muller e Urussanga, além de Criciúma.

Outra reportagem do Jornal Tribuna Criciumense, de 27 de novembro de 1956, anuncia que houve, em Criciúma, a Escola de Escotismo, também organizada por Hercílio Amante. Não podemos afirmar se a reportagem refere-se a um grupo escoteiro ou a um local para formar instrutores com a finalidade de expandir o Movimento Escoteiro na região, mas o que se pode deduzir é que no ano de 1956 o assunto ganha espaço na imprensa escrita.

Analisando a trajetória do Escotismo em Criciúma, por meio desses escassos indícios, é possível afirmar que o projeto de Baden-Powell foi marcado por continuidades e

³ Hercílio Amante foi prefeito interino do município de Criciúma em 1944, foi locutor e político atuante na região sul do Estado de Santa Catarina.

descontinuidades, porém nunca se deu por encerrado de forma definitiva, uma vez que o primeiro grupo emerge em 1925 e até os dias de hoje o movimento se faz presente na cidade.

Ao que tudo indica, a presença de escoteiros já nos anos de 1920 e depois nos anos de 1930 ganha novo impulso com o Grupo Escoteiro Tangará do Colégio Marista, de 1963 até 1973, bem como com o Grupo Escoteiro Duque de Caxias, no Bairro Próspera. O Grupo Tangará retoma suas atividades de 1993 a 2000, e agora em 2011 novamente volta a funcionar, o que faz pensar que o referido grupo atingiu diferentes gerações da elite criciumentense, adequando-se a novos tempos e realidades para conseguir novos adeptos.

Emergência do Grupo Escoteiro Tangará e sua organização

Como já foi mencionado, o Grupo Escoteiro Tangará, de Criciúma, foi fundado no ano de 1963, no Ginásio Masculino São José, hoje Colégio Marista, pelos irmãos maristas. Teve suas atividades realizadas nas instalações do Ginásio Marista, mas isso não foi uma exceção. Segundo Thomé (2006), em Caçador, SC, também existiu um grupo escoteiro dentro dos prédios escolares do Colégio Marista, onde além do espaço físico cedido, recebeu também apoio e patrocínio para a realização de suas atividades.

É necessário destacar que o público atendido pelo Ginásio Marista, de Criciúma, à época da fundação do grupo, pertencia (e ainda pertence), prioritariamente, à classe média alta da cidade e região.

O educandário dos irmãos maristas foi fundado em 1961. De acordo com os documentos oficiais do estabelecimento, o mesmo tem seus “[...] objetivos voltados para o crescimento espiritual, social e econômico da região, com uma formação voltada à vivência cristã e ao desempenho da cidadania.” (HISTÓRIA do Colégio, 2010, p. 1). O colégio tem caráter confessional católico, com predominância da Igreja Católica em suas práticas educativas, já que faz parte da Congregação dos Irmãos Maristas.

A cidade de Criciúma está localizada na região sul do Estado de Santa Catarina e tem suas raízes no final do século XIX, com a vinda de imigrantes italianos para a região. O seu crescimento inicial esteve ligado à pequena produção mercantil e à atividade agrícola. Posteriormente, à extração de carvão mineral, atividade que ganhou impulso após a Primeira Guerra Mundial. Com a extração do carvão mineral, intensificada na década de 1940, um grande número de pessoas vindas de outras cidades do sul de Santa Catarina se estabelecem na cidade.

O Grupo Escoteiro Tangará contou, em seus primeiros dez anos de funcionamento, com o Irmão Marista Theobaldo Sausen no papel de instrutor. Este, que deixou a congregação em 1973, foi escolhido para tal atividade, mesmo sem conhecer o Movimento Escoteiro. Theobaldo Sausen assim se manifesta em relação a sua indicação para a função: “Eles [congregação] disseram: ‘você vai cuidar dos porcos, da contabilidade, **dos escoteiros**; ser professor de matemática e de religião’. Bom, fui me virando.”

A fim de conhecer os fundamentos do Escotismo, Theobaldo passou um final de semana na cidade de Tubarão, onde o Padre Clemente Mengerinhausen lhe apresentou os princípios e algumas práticas do movimento.

A criação de um grupo escoteiro pelos Maristas se deu após a fundação do Grupo Escoteiro Duque de Caxias, do Bairro Próspera - Criciúma, ocorrida em 1962, grupo que atendia aos filhos dos mineiros da Vila Operária da Próspera.

Nesse sentido, abrir um novo grupo no Ginásio Masculino São José dos irmãos maristas significava oportunizar também aos filhos da elite cricumense o contato com os saberes e as práticas do Escotismo. No ano de 1963, emerge então o Grupo Escoteiro Tangará.

Neste período – início da década de 1960 - Criciúma vivia um contexto de grande tensão entre mineiros e mineradores, ou seja, entre os operários e os donos das minas de carvão. O sindicato da categoria era bastante ativo e vinha promovendo inúmeras greves desde o final dos anos de 1950, sendo que algumas lideranças chegaram a ser presas pelo governo militar.

Um exemplo que traz a dimensão deste “clima tenso” foi a greve ocorrida em janeiro de 1960, semelhante à ocorrida em 1952, perdurando por 25 dias. A greve foi motivada pelo não pagamento da taxa de insalubridade pelas mineradoras. Devido à intensa mobilização dos operários, apontados pela imprensa local de “arruaceiros” e “mentores de assaltos”, foram enviadas as tropas da Companhia do 14º Batalhão de Caçadores de Florianópolis (GOULARTI FILHO; LIVRAMENTO, 2004, p. 82-83).

Nesse cenário, a igreja tinha uma posição muito clara. Uma das maiores lideranças religiosas da região, Pe Agenor, como era conhecido, buscando “harmonizar” as relações entre mineiros e mineradores, em um de seus escritos, anos depois, assim se manifesta: “Quanto aos operários do carvão, em que pesem sobre eles as dissensões e as greves, umas justas e outras insufladas, resolveram-nas como cristãos, sofrendo as agruras do ofício, mas agradecendo sempre o pão de sua mesa, embora ganho no suor de seu rosto enegrecido de pó” (MARQUES, 19-- , p. 160).

O que se pode deduzir, depois da análise dos documentos, principalmente das fotografias cedidas pelo ex-instrutor Theobaldo Sausen, além de suas memórias, é que uma das motivações que levou à criação do Grupo Escoteiro Tangará foi a formação de futuros líderes e representantes da elite local. Em sua fala, faz questão de enfatizar a origem de alguns dos escoteiros, mencionando seus pais, além da importância social e política de suas famílias para a região. Importante observar que parte dos escoteiros daquela época hoje são médicos, políticos, advogados e empresários e que, para Theobaldo, isso foi decorrente da formação escoteira.

O projeto de Baden-Powell tem como modo de organização a divisão de atividades em grupos, conforme a idade dos participantes, ficando da seguinte forma: Ramo Lobinho (de 07 a 10 anos); Ramo Escoteiro (de 11 a 14 anos); Ramo Sênior (de 15 a 17 anos); e os Pioneiros (de 18 a 21 anos). Nos grupos escoteiros, para monitorar e gerenciar as atividades, há a colaboração de monitores e instrutores, de caráter voluntário. (BADEN-POWELL, 1998).

O Grupo Escoteiro Tangará, do Ginásio Marista, além de usufruir da infraestrutura existente, ajudou a instituição na construção do seu Ginásio de Esportes. Segundo Theobaldo, só foi possível arrecadar o dinheiro para essa construção com a colaboração dos pais dos escoteiros e alunos da instituição, além da comunidade em geral. Os recursos foram angariados por meio de bingos e jantares dançantes.

A construção do Ginásio de Esportes do colégio é uma obra que até os dias de hoje é destacada nas memórias daqueles que fizeram parte do Grupo Escoteiro Tangará, em especial nas lembranças do ex-instrutor. Sausen, na ocasião da construção do Ginásio de Esportes, garantiu a construção de salas para os membros do Tangará, onde cada ramo escoteiro teria seu espaço. Essas salas ficaram desativadas ou ocupadas por outras atividades, porém, com a atual reabertura do Grupo Escoteiro Tangará (2011), estão estudando a possibilidade da reabertura das mesmas para o uso dos lobinhos, escoteiros e pioneiros.

A possibilidade de um grupo escoteiro ser o protagonista na construção de um ginásio de esportes remete para a origem social dos escoteiros do Grupo Escoteiro Tangará. Eles pertenciam à classe média alta da cidade e tinham, certamente, uma relação estreita com a comunidade local, fato que explica a arrecadação do recurso necessário para a construção de obra com tal dimensão.

Durante sua primeira década de existência (1963-1973), o Grupo Escoteiro Tangará realizou inúmeras atividades, dentro e fora das instalações do colégio dos irmãos

maristas, demonstrando sua inserção, não só na comunidade escolar, mas também na comunidade local e regional, realizando atividades de cunho social.

A fim de colocar em prática uma das leis do Escotismo, ou seja, “o escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação”, o Grupo Tangará desenvolveu várias atividades de cunho social. Sobre uma delas, realizada junto ao Asilo São Vicente de Paula de Criciúma, a imagem que segue traz um registro dessa campanha, mostrando os escoteiros participando ativamente na arrecadação das galinhas.



Escoteiros do Grupo Tangará em campanha de arrecadação de galinhas para ajudar o Asilo São Vicente de Paula de Criciúma, em 1967.

Fonte: (Acervo pessoal de Theobaldo Sausen).

Valores como o da “piedade” e o da “caridade”, que fazem parte do conjunto de preceitos católicos, também foram incentivados junto aos escoteiros do Grupo Escoteiro Tangará. Na fotografia que segue, observamos a visita dos escoteiros a um abrigo de meninos, no Rio de Janeiro, por ocasião do I Jamboree Panamericano, ocorrido no Rio de Janeiro em 1965. Cada menino foi instruído a escolher um dos órfãos para dar um abraço.

Poderíamos afirmar que tal atitude foi uma maneira de mostrar como os escoteiros eram bons cristãos, mas também poderíamos indagar: será que “um abraço” mudaria a realidade dessas crianças pobres ou serviria apenas para realçar ainda mais a diferença social entre os dois segmentos? Para encerrar essa visita, os “bons cristãos” dão um abraço coletivo, como se estivessem “abraçando uma causa social”, talvez na tentativa de colocar em prática a caridade, ou seja, “amar ao próximo como a si mesmo”.

Nas viagens para outras cidades, o Grupo Escoteiro Tangará divulgava Criciúma e, principalmente, o setor carbonífero, um dos mais fortes pilares da economia da cidade.

Divulgando a Capital Brasileira do Carvão para o mundo

Os *Jamborees*, criado por Baden-Powell, é uma espécie de encontros de escoteiros de várias localidades, estados e países, que acontecem de quatro em quatro anos. (UNIÃO DOS ESCOTEIROS, 1989). Na viagem do Grupo Escoteiro Tangará ao Rio de Janeiro (1965), para participar do I Jamboree Panamericano, várias imagens foram registradas, e algumas delas chamam a atenção, pois aparece a faixa colocada em uma das laterais do ônibus usado para transportar os meninos, fazendo referência a Criciúma como a Capital do Carvão.



Foto da viagem ao Jamboree Panamericano no Rio de Janeiro, em 1965, destaque para a faixa que os identifica.

Fonte: (Acervo pessoal de Theobaldo Sausen).

Ao avaliar tal faixa, com os dizeres “ESCOTEIROS – GRUPO TANGARÁ. CRICIÚMA –SC – CAPITAL DO CARVÃO” pode-se inferir que, além da identificação do grupo, buscava-se a divulgação de um dos principais setores da economia de Criciúma, ou seja, a mineração. Essa faixa foi usada durante toda a excursão do Grupo Escoteiro Tangará, em seus acampamentos e reuniões no Jamboree Panamericano de 1965. Nas várias fotografias desse evento a faixa aparece em distintos momentos.

No Jornal Tribuna Criciumense, a viagem do Grupo Escoteiro Tangará é amplamente divulgada. A reportagem traz que representantes do Grupo Escoteiro Tangará e do Grupo Escoteiro Duque de Caxias enviaram representantes ao evento. Assim, temos a explicação do então instrutor Theobaldo Sausen, que define o objetivo do Jamboree da

seguinte forma: “[...] encontro de escoteiros de diferentes países e que objetiva a confraternização, a troca de experiência e incrementar cada vez mais o amor e a união entre as classes.” (TRIBUNA CRICIUMENSE, 10 a 17/07/1965).

Merece destaque o espaço cedido pelo jornal local para informar as atividades do Grupo Escoteiro Tangará, encarregando-se de relatar não somente suas atividades, mas também de divulgar seu regimento e ideologia.

Tal excursão durou cerca de um mês e dez dias, segundo Sausen. Os escoteiros não foram diretamente para o local do evento; saíram de Criciúma com um roteiro pré-definido, como conta o ex-instrutor: “Viajamos um mês e dez dias, os pais acompanhavam, foi a coisa mais linda! E lá tínhamos tudo programado [...]”.

A participação do Grupo Escoteiro Tangará e do Duque de Caxias foi anunciada de forma detalhada pelo Jornal Tribuna Criciumense (18/12/1965), dando a entender que foi um grande acontecimento para a cidade. E o noticiário ainda destaca a eficiência dos escoteiros catarinenses no referido evento e a significativa participação, ao todo 62 escoteiros, sugere uma forte vigilância em relação a esses jovens para que os mesmos não fugissem do comportamento prescrito pelo Movimento Escoteiro.

Como o Grupo Escoteiro Tangará atendia aos filhos da elite de Criciúma, inclusive alguns filhos dos donos das minas de carvão da região, posso sugerir a existência de uma parceria entre o grupo e os mineradores, em termos de patrocínio e incentivos financeiros. Essa parceria tinha, provavelmente, uma finalidade: educar a infância da elite cricumense.

Os rituais do Movimento Escoteiro e a construção da infância do Grupo Escoteiro Tangará

O Grupo Escoteiro Tangará, entre os anos de 1963 e 1973, era composto por meninos e jovens na faixa etária de sete a 21 anos, pertencentes a uma elite branca. Essa composição etária, social e étnica faz pensar sobre o sujeito criança que se almejava produzir no Grupo Escoteiro Tangará, a partir de seus princípios e leis. Querer entender a formação oferecida a este sujeito criança escoteira remete para a discussão a respeito do conceito de infância.

Ao longo da trajetória histórica, a criança é vista de acordo com a forma organizacional da sociedade em que se insere. Àries (1986) trabalha com o termo: *Sentimento da infância*, para demonstrar que esse não existia na sociedade medieval e que emerge na

Idade Moderna. Manuel Sarmiento (2004) reafirma que a infância é uma ideia moderna. A Modernidade buscou construir um modelo de infância, como procurou mostrar as pesquisas de Àries; a Modernidade tentou impor uma infância global, porém o que se percebe são várias infâncias ligadas a diferentes condições “gênero, etnia, local de nascimento e residência e ao subgrupo etário a que cada criança pertence.” (2004, p.07).

A perspectiva de análise de Moysés Kuhlmann e Rogério Fernandes mostra a diferença entre os conceitos de infância e de criança na história: “A *história da infância* seria então a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos, com essa classe de idade, e a *história da criança* seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade”. (KUHLMANN & FERNANDES, 2004, p.15).

Para chegar ao universo infantil, o instrutor do Grupo Escoteiro Tangará utilizou várias estratégias. As leis do Movimento Escoteiro eram repassadas aos meninos por meio de canções, por exemplo; talvez uma forma mais eficaz de se chegar ao universo infantil. Segundo Theobaldo Sausen, é dever do escoteiro ter essas leis em suas memórias; ressalta, ainda, que as canções eram cantadas em todos os encontros do grupo.

O Grupo Escoteiro Tangará, em consonância com o Movimento Escoteiro, valorizava fortemente seus rituais, que cumpriam o papel de transmitir valores, bem como, fortalecer a identidade do grupo e sua união.

Um dos principais rituais do Escotismo, desde a sua fundação, são os acampamentos, nos quais as ideias de Baden-Powell foram sendo colocadas em prática, com jogos e atividades rotineiras, palestras sobre questões morais (chamado no Brasil de “Fogo de conselho”). O Grupo Escoteiro Tangará também seguia esse ritual.

O projeto criado por Baden-Powell tinha como um dos princípios fazer com que os participantes tivessem contato com a natureza e aprendessem a sobreviver em situações adversas. Tais atividades pareciam ser atrativas aos meninos do Grupo Escoteiro Tangará, que certamente gostavam de aventuras e desafios, apesar dos objetivos militares, políticos e religiosos que as fundamentavam.

A construção desse sujeito escoteiro infantil passou pela construção de sua identidade, que segundo Louro (1999), acontece no âmbito cultural e histórico. A autora ainda reflete que o sujeito não tem uma única identidade, mas múltiplas, assim, comenta que, “Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. [...] Somos sujeitos de muitas identidades.” (LOURO, 1999, p.6).

A partir das reflexões realizadas por Foucault (1987), não podemos esquecer que essa construção de identidades vai além dos valores, atitudes e moral, atingindo o corpo do sujeito que se quer produzir. Dessa maneira, a postura e o modo de se portar demonstrariam a integridade do caráter, exigidos a todo homem cristão, como discute Louro (1998, p. 93):

Quase se poderia falar de uma somatização da moral, pois atributos morais são, de certa forma, “colados” ao corpo: gestos, movimentos, olhares podem ser (ou não ser) honestos, decentes, edificantes. [...] A formação do bom cristão, portanto, não apenas começa pelo corpo, ela o envolve e o implica. Ela também não se dá apenas sobre ele, mas faz com e no corpo.

Neste estudo, podem-se perceber as práticas discursivas e não-discursivas instauradas pela Pedagogia Escoteira no Grupo Escoteiro Tangará, protagonizada por Theobaldo Sausen, tendo como cenário a Congregação dos Irmãos Maristas em Criciúma, predominantemente masculina. As práticas discursivas proliferaram no Grupo Escoteiro Tangará, que representava o Movimento Escoteiro e o Ginásio Marista, com o intuito de produzirem sujeitos conforme seus valores e objetivos.

Celi Pinto nos traz que a constituição desses sujeitos, para atuar nas atividades escoteiras, não foi a causa que originou os discursos, mas foram efeitos discursivos (PINTO, 1989, p.25). Segundo a autora (1989), posso afirmar que os escoteiros e instrutores foram atravessados por diferentes discursos em circulação e agenciados por variadas instituições. Chamo a atenção, aqui, em relação ao Ginásio Marista, à Igreja Católica e ao Movimento Escoteiro, que os tornaram sujeitos sociais complexos. Por meio desses discursos, numa mesma temporalidade, esses sujeitos foram se constituindo distintamente, porque não foram interpelados igualmente.

Ao compreender os sujeitos envoltos e construídos pelas práticas discursivas, Foucault afirma que, “[...] As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõe e as mantém.” (FOUCAULT, 1997, p. 11-12).

Outra evidência sobre a postura e incorporação dos princípios do Movimento Escoteiro foi trazida pela fala sobre o uniforme de Theobaldo Sausen, quando o mesmo recordou sobre o Jamboree Panamericano de 1965, no Rio de Janeiro, em que o Grupo Escoteiro Tangará participou. Ao analisar a foto abaixo, comentou: “Olha, olha o uniforme dos paraguaios, [fazendo gesto de negativa com a cabeça], agora olha o nosso: era impecável!”



Foto da concentração do Jamboree Panamericano do Rio de Janeiro de 1965. Ao lado direito do pelotão do Paraguai, está o Grupo Escoteiro Tangará.

Fonte: (Acervo pessoal de Theobaldo Sausen).

Pode-se inferir que a fala de nosso recordador, além de mostrar o orgulho diante de sua tropa, também está carregada de sentimentos contra o Paraguai. Essa atitude diante desse país demonstra os vestígios deixados pela guerra entre o Brasil e Paraguai (1864 e 1870), pela qual criou-se a prática de menosprezar os paraguaios, já que os mesmos foram massacrados pelo exército brasileiro.

A produção de sujeitos masculinos e cristãos pelo Escotismo fica explícita em seus regulamentos, ideologias, simbologias, enfim, em sua pedagogia. O Grupo Escoteiro Tangará também buscou esses objetivos em suas práticas, a fim de construir um sujeito infantil masculino, obediente, cristão, heterossexual, branco e necessário aos interesses da elite local. A relação do Grupo Escoteiro Tangará com a Igreja Católica foi uma das estratégias adotadas para este fim.

O Grupo Escoteiro Tangará e o seu vínculo com a Igreja Católica

Em outra imagem do Grupo Escoteiro Tangará, no I Jamboree Panamericano, é possível observar a presença de dois padres, sendo um deles o Padre Estanislau Cizeski⁴, que se fez presente não só durante a excursão ao Rio de Janeiro, mas antes do evento. O Padre

⁴ Segundo o histórico da Diocese de Criciúma, em 1949 assume como vigário paroquial. Já como Pároco “[...] Pe. Estanislau Cizeski tomou posse no ano de 1954 e aí permaneceu até 1966. A ele cabe o grande mérito de ter colaborado grandemente para a fundação de quatro grandes colégios: S. Bento, Marista, Madre Tereza Michel e o Bairro da Juventude.” (DIOCESE DE CRICIÚMA, 2011, p.1).

Estanislau Cizeski foi uma pessoa atuante na sociedade criciumense e parece ter acompanhado intensamente as atividades do Grupo Escoteiro Tangará, pois nas imagens do acervo pessoal do ex-instrutor deparamo-nos com várias fotografias em que aparece a figura do referido padre.

Na imagem que segue, o pároco está abençoando os chapéus dos escoteiros, em cerimônia realizada em frente à Igreja Matriz São José de Criciúma, no ano de 1965. Além do instrutor Theobaldo Sausen, percebemos na fotografia a presença de pessoas de diferentes idades, o que nos sugere o comparecimento da comunidade em tal cerimônia. Dessa forma, podemos pressupor, mais uma vez, que o Grupo Escoteiro Tangará gozava de certo prestígio junto à sociedade local.



Missa na Matriz de Criciúma, com Theobaldo Sausen representando o Grupo Escoteiro Tangará ao lado do Padre Estanislau Cizeski, em 1965.

Fonte: (Acervo pessoal de Theobaldo Sausen).

A Pedagogia Escoteira tem como uma das suas características a forte ligação com a religião. Esse homem escoteiro cristão não era desejado somente no Grupo Escoteiro Tangará de Criciúma, mas no movimento como um todo. Durante o I Jamboree Panamericano, o ritual da missa, como estratégia para construir esse sujeito infantil, estava presente entre as inúmeras atividades.



Missa durante o Jamboree Panamericano no Rio de Janeiro, destaque para a faixa de Criciúma ao fundo, em 1965.

Fonte: (Acervo pessoal de Theobaldo Sausen).

As mãos do padre, em posição de oração e em direção à faixa, sugerem a existência da forte aliança entre o Grupo Escoteiro Tangará, a Igreja Católica e os mineradores de Criciúma. Na fotografia, vemos ainda a presença de um escoteiro ajoelhado, e outro assumindo o papel de coroinha. A doutrina católica tem como objetivo disciplinar os sujeitos, ministrando conteúdos como o pecado, caridade, piedade, boa conduta, entre outros. Esses valores, com o ritual da missa e suas simbologias em um evento como o Jamboree Panamericano, cumpria o papel de reforçá-lo junto aos pequenos escoteiros.

Essa relação entre o sacerdote e o Grupo Escoteiro Tangará sugere que a ligação da Igreja Católica com o Movimento Escoteiro em Criciúma era bastante intensa, indo ao encontro de algumas premissas do próprio movimento, lançadas por seu fundador Baden-Powell. Este sujeito infantil, porém, além de ser produzido pelo Grupo Escoteiro Tangará, também resistiu e criou suas estratégias de resistências.

Podemos inferir que a docilidade e utilidade dos corpos, buscadas por meio de dispositivos disciplinares postos em prática no Grupo Escoteiro Tangará, nem sempre foram alcançadas, pois existiam escoteiros que de alguma maneira conseguiam transgredir. O detalhe da imagem que segue nos dá pistas dessa resistência.



Promessa para Lobinhos, Theobaldo Sausen à direita com Marcos Beirão fazendo a promessa, em 1964.

Fonte: (Acervo pessoal de Theobaldo Sausen).



Recorte da foto ao lado, destaque para o menino ao fundo fazendo um gesto com a mão.

Fonte: (Acervo pessoal de Theobaldo Sausen).

Embora houvesse uma intensa vigilância sobre o comportamento e atitudes dos escoteiros do Grupo Escoteiro Tangará, era impossível controlar os ímpetos dos mesmos. Havia momentos de descontração, apesar de regras tão rígidas. Nas imagens do Grupo Escoteiro Tangará, aparecem alguns momentos em que os escoteiros portam-se de acordo com os padrões da disciplina militar, mas também há fotografias que registraram os escoteiros descontraídos, brincando e “fazendo bagunça”; algo comum para sujeitos daquela faixa etária.

Apesar dos objetivos políticos em construir cidadãos com sentimento de nação e submissos à pátria; dos religiosos em catequizar os jovens, e dos militares em militarizar e formar um exército para a defesa de seus princípios, a infância se impôs em vários momentos.

Esses comportamentos ganham legibilidade no momento em que concebemos essas crianças como sujeitos atuantes, críticos e criativos. Apesar de o lobinho estar uniformizado, participando do grupo escoteiro, representando uma entidade, uma ideologia e assim, imbuído da obrigação de portar-se de modo adequado, o lado peralta típico da criança se sobressai no registro fotográfico, mesmo com tamanha cobrança e responsabilidade.

Pensando com Foucault, a vigilância para moldar essas crianças e jovens precisava ser constante; era preciso fazer com que as mesmas se autovigiassem, para que os objetivos da Pedagogia Escoteira do Grupo Escoteiro Tangará fossem colocados em práticas.

Referências:

ARIËS, Phillippe. **Infância**. Verbete para a Editora Eianudi. Revista de Educación. n.281, 1986.

FERNANDES, Renata Sieiro; PARK, Margareth Brandini. Lembrar-esquecer: trabalhando com as memórias infantis. In: Cadernos do Cedes. **Cadernos do Cedes** – Centro de estudos de educação e sociedade. v.1, n.1, Campinas: Costez, 1980. p. 39-59.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 1987. Petrópolis, Vozes.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GIROUX, H. McLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A F. (org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOULARTI FILHO, Alcides; LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos de 1950 a 1960. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004. p. 75-91.

GRUPOS ESCOTEIROS DE SANTA CATARINA. Disponível em:
<<http://www.uebsc.com.br/site/index.php?exc=grupos>> Acesso em: julho/2011

HISTÓRIA DO COLÉGIO MARISTA. Disponível em: <http://www.marista.org.br/marista-criciuma-o-colegio/D375/> Acesso em: set/2009.

IBGE Histórico. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=421160> Acesso em: jun/2011.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000.

KUHLMANN, Jr. Moisés. Fernandes, Rogério. Sobre a história da infância. In: Faria Filho, Luciano. **A infância e sua educação**. Materiais, práticas e representações. BH. Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Produzindo Sujeitos Masculinos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **O currículo nos limiars do contemporâneo**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga**. Urussanga: Prefeitura Municipal, [19--].

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

THOMÉ, Nilson. **Movimento Escoteiro**: Atividade Extra-Escolar. Revista HISTEDBR On-line, v. 23, 2006, p. 171-194.

REQUERIMENTO 2004. Disponível em:

<http://www.alesc.sc.gov.br/proclegis/individual.php?id=RQS/0471.6/2004> Acesso em: março/2010.

SARMENTO, Manuel. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos**: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Asa editores, 2004.

UNIAO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Guia dos escoteiros noviços**. Editora Escoteira, 1989.